

Revista de Estudos Espíritas

Ano I - número 2 - Fevereiro de 2006

Instituto de Estudos Espíritas "Wilson Ferreira de Mello", Campinas-SP

Podemos ainda aprender com os Espíritos?

Independente da concepção que se faça do Espiritismo, seja científica, filosófica, moral, ou ainda, para uma determinada classe de adeptos, religiosa, é consenso entre todos que o Espiritismo é fundamentado nos ensinamentos trazidos pelos Espíritos, tal qual nos afirma Allan Kardec:

"O Espiritismo é o resultado do ensino dos Espíritos, de tal sorte que, sem as comunicações dos Espíritos, não haveria Espiritismo"

"O Espiritismo sem os Espíritos", *Revista Espírita*, abril de 1866

Se por um lado os Espíritos tiveram importância decisiva na edificação daquilo que conhecemos por Doutrina Espírita, o que pensar sobre os dias de hoje? Os Espíritos continuam interessados em auxiliar a humanidade? De que maneira poderiam nos ajudar? Quais os riscos envolvidos? Haveria mais ensinamentos para serem trazidos? Algum agrupamento espírita em específico estaria mais apto para conduzir esta empreitada? Ao longo desse ensaio, procuraremos levantar considerações sobre tais questões que naturalmente têm surgido em nossas atividades diárias, em um exercício de consolidação de nossas próprias idéias. Como tal, há pontos que merecem serem complementados e mesmo reorientados, tarefa para a qual contamos com o concurso dos companheiros interessados por esses assuntos.

Para respondermos a primeira pergunta, se os Espíritos mantêm o interesse em nos ajudar, é preciso estabelecer precisamente qual a relação entre os Espíritos e os Homens. Após uma rápida consulta às obras de Allan Kardec, e a tantas outras antes e depois dele, veremos que os Espíritos nada mais são dos que os seres que um dia habitaram corpos semelhantes aos nossos, que um dia percorreram as mesmas ruas,

habitavam as mesmas cidades, plantavam as mesmas lavouras. Foram os Homens de ontem, tanto os ignorantes como os sábios e, dada às características de nosso globo, em um futuro próximo serão os Homens de amanhã, em um processo conhecido por "pluralidade de existências" ou simplesmente "reencarnação". Como consequência lógica das afirmações anteriores, os Homens de hoje foram os Espíritos de ontem, bem como serão ainda os de amanhã e assim de modo sucessivo. Esses conceitos estão entre os primeiros compreendidos e adotados por Kardec:

"Pedir o homem conselhos aos Espíritos não é entrar em entendimento com potências sobrenaturais; é tratar com seus iguais, com aqueles mesmos a quem ele se dirigiria neste mundo; a seus parentes, seus amigos, ou a indivíduos mais esclarecidos do que ele. Disto é que importa se convençam todos e é o que ignoram os que, não tendo estudado o Espiritismo, fazem idéia completamente falsa da natureza do mundo dos Espíritos e das relações com o além-túmulo"

"A Gênese", cap. I, item 60

O Espiritismo teve, e ainda tem, por objetivo justamente esclarecer em que bases se fundamentam as relações entre o mundo tal qual o conhecemos e o mundo dos Espíritos. Uma vez bem compreendido, fatalmente chegar-se-á a conclusão de que

todos nós, Homens e Espíritos, formamos um único conjunto de seres em evolução. Ora, de acordo com este ponto de vista, é evidente que os Espíritos ainda se interessam e se interessarão indefinidamente pelo progresso da humanidade, simplesmente pelo fato de que não serem estranhos a essa. Passaremos agora à segunda questão: de que forma poderíamos ser ajudados? Primeiramente, como decorrência natural da idéia anterior, de que Homens e Espíritos

formam um único grupo, é preciso reconhecer que os Espíritos estão ativamente presentes em nossas atividades. Tal como estamos acostumados em nossas relações cotidianas, a ação dos Espíritos está intimamente ligada à maneira de agir e pensar dos Encarnados com os quais eles se afinizam. Dessa forma, os meios pelos quais os Espíritos se servem para trazer sua parcela de contribuição é função das próprias solicitações dos Encarnados. Uma reunião mediúnica destinada ao atendimento de Espíritos sofrendores certamente contará com Espíritos amigos. Esses podem permanecer anônimos durante anos a fio, caso o agrupamento de Encarnados não enxergue necessidade e utilidade para uma aproximação mais ostensiva. Por outro lado, se um outro grupo tem por princípio solicitar esclarecimentos por parte dos Espíritos responsáveis, tendo como objetivo a própria instrução, é natural que esses se apresentem e auxiliem dentro de suas possibilidades. Nada há de extraordinário nisso. Este conceito pode ser estendido a qualquer atividade de um núcleo espírita, afinal, o objeto de estudo do Espiritismo é a realidade, o cotidiano dos

próprios Espíritos ("Da Real Necessidade da Ciência Espírita", *Revista de Estudos Espíritas*, janeiro de 2006).

As solicitações aos Espíritos podem ser observadas ao longo de toda obra de Allan Kardec. Seja através de sua evocação direta, seja por ditados espontâneos, os Espíritos se faziam

presentes de acordo com as necessidades impostas pelos Encarnados. A este respeito, encontramos uma instrução extremamente elucidativa por parte de Kardec:

"Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação. Pensam algumas pessoas que todos devem abster-se de evocar tal ou tal Espírito e ser preferível que se espere aquele que queira comunicar-se. Fundam-se em que, chamando

"os Espíritos nada mais são dos que os seres que um dia habitaram corpos semelhantes aos nossos, que um dia percorreram as mesmas ruas, habitavam as mesmas cidades, plantavam as mesmas lavouras."

determinado Espírito, não podemos ter a certeza de ser ele quem se apresenta, ao passo que aquele que vem espontaneamente, de seu modo próprio, melhor prova a sua identidade, pois que manifesta assim o desejo que tem de se entreter conosco. Em nossa opinião, isso é um erro: primeiramente, porque há sempre em torno de nós Espíritos, as mais das vezes de condição inferior, que outra coisa não querem

senão comunicar-se; em segundo lugar e mesmo por esta última razão, não chamar a nenhum em particular é abrir a porta a todos os que queiram entrar. Numa assembléia, não dar a palavra a ninguém é deixá-la livre a toda a gente e sabe-se o que daí resulta. A chamada direta de determinado Espírito constitui um laço entre ele e nós; chamamo-lo pelo nosso desejo e opomos assim uma espécie de barreira aos intrusos. Sem uma chamada direta, um Espírito nenhum motivo terá muitas vezes para vir confabular conosco, a menos que seja o nosso Espírito familiar. Cada uma destas duas maneiras de operar tem suas vantagens e nenhuma desvantagem haveria, senão na exclusão absoluta de uma delas. (...)

“O Livro dos Médiuns”, cap. XXV, item 269

Na opinião de Kardec, a evocação constitui-se de uma ferramenta importante quando se tem como objetivo o aprendizado junto aos Espíritos, tanto com respeito aos de condição inferior como também superior. Os argumentos para esta conclusão são perfeitamente lógicos e consistentes. No entanto, apesar de concordarem plenamente com Kardec, muitos adeptos do Espiritismo não desfrutam da mesma certeza com respeito às condições em que tais argumentos seriam aplicáveis.

Para alguns, as evocações somente podem ser conduzidas por pessoas irrepreensíveis do ponto de vista moral, pessoas com tamanho grau de evolução que os Espíritos Superiores se comprazeriam em atender aos seus chamados. Imaginar que o acesso ao Plano Espiritual está reservado somente para os Espíritos puros encarnados é desconhecer por completo os objetivos do Espiritismo. É tomar o efeito pela causa: o Espiritismo não é uma simples convenção social por onde se perfilam esta ou aquela classe de adeptos. Trata-se de um ponto de partida para a compreensão das leis que

regem o Universo. É a partir do entendimento e assimilação desses ensinamentos que traçaremos nossas

“Imaginar que os Espíritos só responderiam às questões complexas do conhecimento humano seria o mesmo que aceitar que os professores só dessem ouvidos aos alunos brilhantes da classe.”

próprias rotas, figuradamente, para o Criador. Portanto, trata-se de um grande erro acreditar que é interdita ao homem comum a busca pelos ensinamentos superiores. É exatamente essa idéia que os próprios Espíritos vêm destruir, idéia esta enraizada por milênios na criatura humana. Para uma outra classe de adeptos do Espiritismo, as perguntas endereçadas aos Espíritos devem necessariamente tratar dos mais altos problemas científicos, filosóficos e morais. Essa visão dos Espíritos como Mestres da Ciência, Filosofia e Moral nada mais é do que uma variante da anterior, na qual os Espíritos são tidos como entidades angélicas. É inquestionável a necessidade de estudo, assim como a seriedade dos propósitos, mas não há motivo para se imaginar que os Espíritos somente se prontificariam a responder questões acerca dos altos destinos da humanidade. Os objetivos sérios não necessariamente envolvem questões complexas. Tomemos o exemplo de uma sala de aula. Acaso alguém duvidará da seriedade de um aluno iniciante nas primeiras letras ao solicitar ajuda ao seu professor na escrita de uma determinada letra, ou para o cálculo de uma simples conta de soma? Imaginar que os Espíritos só responderiam às questões complexas do conhecimento humano seria o mesmo que aceitar que os professores só dessem ouvidos aos alunos brilhantes da classe.

Por outro lado, há inúmeras questões que podem ser perfeitamente tratadas com Espíritos de um grau de evolução semelhante ao nosso. Aos que não admitirem essa hipótese, sugerimos que olhem ao seu próprio redor, aos próprios companheiros nos Núcleos Espíritos. Não são eles os responsáveis por inúmeros ensinamentos em nosso dia-a-dia? Extrapolando os limites do Espiritismo, podemos seguir com os exemplos da família, dos colegas de trabalho, enfim, de todo o círculo de relacionamento inerente à nossa condição de Encarnados.

“Natural é, que entre os que se ocupam com o Espiritismo, o desejo de poderem pôr-se em comunicação com os Espíritos.”

Adicionalmente, os Espíritos ditos inferiores também podem nos fornecer testemunhos que contemplam os mais importantes problemas da alma humana. É o que encontramos, por exemplo, em obras como “O Céu e o Inferno”.

Uma palavra ainda com respeito a ambos os pensamentos anteriores: imaginemos por um instante que um Espírito Superior atendesse ao nosso chamado. O que dizer da forma pelas qual seríamos tratados? Acaso podemos imaginar que seríamos reprimidos pelo desejo da própria instrução? Se concordássemos com este ponto de vista, teríamos que dar razão às grandes inteligências desvirtuadas da Terra, que desdenham seus irmãos ignorantes que lhes vêm à retaguarda. Assim como os verdadeiros sábios encarnados se alegram por terem a oportunidade de auxiliar a todos os que possuem o desejo sincero de instruí- se, tal ocorre com os Espíritos, mesmo porque o sábio encarnado de hoje será o Espírito Superior de amanhã.

Por fim, há aqueles que vêm a presença do mal em tudo. Qualquer atividade que envolva o concurso direto dos Espíritos, como as solicitações diretas, ou “Evocações” corre o risco iminente de ser alvo de espíritos obsessores e mistificadores. Ora, é evidente que todos estamos sujeitos a esses problemas, mas perante a argumentação de que as evocações envolvem riscos demasiados, perguntamos: qual a garantia de que comunicações espontâneas também não carreguem esse problema? Não é devido a esse ou aquele método para se estabelecer contato

com o mundo espiritual que alguém estará sujeito a mistificações, mas sim em função de sua conduta moral. É certo que não bastam umas poucas horas de estudo para se compreender toda a extensão da Ciência Espírita. Há muitos pontos a serem observados. Todos eles, no entanto, podem ser encontrados em “O Livro dos Médiuns”, que constitui um verdadeiro manual de conduta no que diz respeito ao trato com Espíritos:

“Natural é, que entre os que se ocupam com o Espiritismo, o desejo de poderem pôr-se em comunicação com os Espíritos. Esta obra se destina a lhes aplainar o caminho, levando-os a tirar proveito dos nossos longos e laboriosos estudos, porquanto

muito falsa idéia formaria aquele que pensasse bastar, para se considerar perito nesta matéria, saber colocar os dedos sobre uma mesa, a fim de fazê-la mover-se, ou segurar um lápis, a fim de escrever.”

“O Livro dos Médiuns”, Introdução

Seu estudo atento certamente poupará muitos problemas aos interessados nas questões espirituais. Na verdade, a maioria das confusões acerca da necessidade ou não de se evocarem os espíritos resulta justamente da leitura superficial desta obra de Allan Kardec.

Resta ainda uma objeção com respeito à comunicação direta com os Espíritos que merece ser analisada em separado, ainda que ela própria tenha sua origem nas anteriormente aqui refutadas. Após uma leitura atenta e cuidadosa das obras de Kardec, em especial “O Livro dos Médiuns”, alguns adeptos aceitam a idéia de que realmente o método apresentado é indiscutivelmente um guia. Porém, argumentam, há de se levar em consideração de que era Kardec quem estava à frente da tarefa conhecida hoje por codificação, e que nos dias de hoje qualquer estudo do tipo estaria fora de cogitação, uma vez que Kardec reunia condições excepcionais para a tarefa. Acrescentam ainda que se deva mesmo desconsiderar os pontos em que Kardec diz textualmente que qualquer pessoa poderia desenvolver estudos com os Espíritos, pois se tratam de expressões da grande humildade de Kardec.

Se realmente temos na atualidade um manual o qual não estamos aptos a utilizá-lo, isso se sucedeu devido a dois fatores: ou esse fato passou despercebido por Kardec quando da elaboração de suas obras, ou, o que é pior, em determinados pontos ele resolveu abandonar seu bom-senso apurado em prol de uma suposta humildade. No primeiro caso, Kardec teria sido displicente e no segundo, inconseqüente. Ora, tais conclusões por si só servem de refutação contra tais interpretações. Para os que ainda necessitam de maiores elementos de análise, transcrevemos a seguir uma nota explicativa de Kardec sobre o assunto, de maneira que os próprios leitores utilizem seu bom-senso para daí chegarem às suas próprias conclusões:

“O nosso maior mérito é a perseverança e a dedicação à causa que abraçamos. Em tudo isso, fizemos o que outro qualquer poderia ter feito como nós, razão pela qual nunca tivemos a pretensão de nos julgarmos profeta ou messias, nem, ainda menos, de nos apresentarmos como tal.”

“A Gênese”, cap. I, **item 45**

Com respeito aos médiuns, há uma corrente que desconfia seriamente das capacidades dos médiuns atuais em se portarem como instrumentos adequados aos Espíritos

determinados irmãos queridos que se encontravam encarnados. Por isso, é natural que carreguem essa idéia. Por outro lado, a proibição imposta por alguns em decorrência do desconhecimento, ou melhor, do próprio obscurecimento advindo do mal entendimento da Doutrina, realmente acaba induzindo o mesmo comportamento em muitos irmãos. O objetivo de quando se encontra a luz, ou melhor, quando se visualiza ao longe a luz, é o de levá-la a todos. É preciso saber mostrar essa luz aos irmãos. E a responsabilidade é maior a cada momento. Quando falam sobre nosso querido amigo, que todos conhecem por Allan Kardec, digo que ele também teve esses momentos de discussão com determinados amigos que compartilhavam suas idéias, idéias estas que estão firmes em vossas mentes, e que devem começar

Superiores. A este argumento não fazemos objeção, pelo menos em parte. Sem instrumentos afinados é impossível a um bom músico produzir uma bela melodia. Mas qual é o motivo para hoje não existirem médiuns que reúnam condições iguais ou

mesmos superiores aos instrumentos utilizados por Kardec? Ser-nos-á possível vasculhar os pensamentos íntimos de todos os médiuns a procura de um que atenda aos **pré-requisitos**? Evidentemente que esta proposta se exclui por si mesma. No entanto, acrescentamos que temos plenas condições de proceder

sim à avaliação, não do médium, mas do teor das comunicações. Esse na verdade é o ponto central de nossos argumentos, diante do qual todas as objeções perdem sua força, simplesmente por se basearem exclusivamente em hipóteses mais ou menos prováveis, enquanto que a análise crítica e séria de uma instrução obtida, e aqui não mais fazemos distinção entre uma solicitação direta ou espontânea, é um fato positivo. Pode-se, é verdade, divergir quanto a este ou aquele conteúdo, mesmo procedendo-se a uma análise rigorosa das instruções. Contudo, deixaremos as considerações sobre esse assunto para o próximo número da Revista.

prevalecer sobre as antigas, que carregam excessivos componentes humanos, incompatíveis com a realidade espiritual. Raciocinem meus irmãos: não são nada mais do que espíritos encarnados, como nós já próprios o fomos. Não são nada mais do que espíritos, ou melhor, criaturas de um Ser Supremo, que não fornece privilégios a nenhum de seus filhos. Em vez disso, criou leis perfeitas, que dão oportunidades a todos, a todos mesmos. Um dia, seja hoje, seja amanhã, a humanidade encarnada conseguirá enxergá-las mesma forma que vocês talvez estejam começando a percebê-las. Basta não fecharem os olhos. E quando digo não fechar os olhos, não é se embevecer de tal modo que razão seja colocada em um segundo plano. É preciso afirmar e reforçar cada vez mais a razão. É por isso que vossos olhos brilham quando

“No primeiro caso, Kardec teria sido displicente e no segundo, inconseqüente. Ora, tais conclusões por si só servem de refutação contra tais interpretações.”

Dissertações Espíritas

Caráter das Reuniões Mediúnicas

15 de outubro de 2005 - IEEWFM

Quando se perguntam se é possível conduzir uma conversa com qualquer espírito desencarnado, incluindo aqueles denominados “Espíritos Superiores”, sabemos muito bem a resposta para tal questão. Além das obras que vocês têm à disposição, podem-na encontrá-las nas mentes de cada um de vocês, porque vocês já estiveram do lado de cá. Inúmeras vezes quiseram estabelecer contato com

falam de Kardec, nosso grande amigo, justamente porque ele soube muito bem usar este raciocínio. São essas, meus irmãos, as minhas colocações nesta tarde, e dentro das minhas possibilidades, fico aberto ao diálogo.

Percebemos uma diferença das reuniões mediúnicas a época de Kardec, que tinham um caráter de estudo, para as reuniões atuais, onde a tônica maior é o

auxílio aos desencarnados que estão com a l g u m a necessidade. Isso seria um desvio por parte dos Espíritos, por não entenderem de uma forma mais a m p l a o espiritismo, ou é natural que se tenha passado por este estágio de estudo para o de socorro.

A Cada passo que a humanidade dá, ela tenta visualizar algum ponto. Vejamos a necessidade do atendimento das pessoas carentes encarnadas. Tal tarefa é capaz de encher os olhos, e principalmente os corações, de irmãos sensíveis que acabam empregando todo o tempo disponível em sua execução. Os nossos irmãos das Casas Espíritas que visualizam somente este trabalho, somente terão o que querem. Sabemos que existem Espíritos em necessidade por todos os lados. Todos os que aqui se encontram, incluindo nós, desencarnados, somos ainda necessitados de ajuda, de amparo. Evidentemente, também sabemos que existem outros irmãos em dificuldades ainda maiores. Sendo assim, aquele trabalhador, aqueles irmãos médiuns e dirigentes que dedicam suas horas para trabalhar e ajudar determinados irmãos, assim o terão e assim o farão por todo tempo que passarem encarnados na Terra. E muitas vezes, voltarão para pedir ajuda quando desencarnarem. Por isso, é importante buscar conhecer a realidade. É necessário que se processe o crescimento da humanidade. É necessário que se busque abrir os olhos do ser encarnado, que se busque mostrá-lo o objetivo real de sua vida aqui na Terra, fazer com que ele compreenda realmente com qual objetivo o Criador lhe

“Dessa forma, pode-se aproveitar o tempo das reuniões para outras atividades de intercâmbio, como evocações, se assim for o caso,”

concedeu esta presente fase de encarnação. A partir desse ponto, ele não mais terá a necessidade do auxílio a que referíamos quando deixar o corpo. Ainda com respeito às reuniões mediúnicas, lembro-vos que tudo se faz dentro de um grau de afinidade, da similitude de pensamentos por parte dos interessados. Vejamos um exemplo de um grupo que realmente busque de forma incessante e responsável o próprio esclarecimento. Naturalmente, tal qual ocorre em qualquer outro ponto, esse grupo poderia estar cercado de espíritos denominados “Sofredores” que, em um determinado momento, poderiam ser conduzidos para um diálogo em uma reunião mediúnica. No entanto, seu esclarecimento pode se processar pela observação das discussões em andamento, que servirão de base para a troca de idéias com outros Espíritos que

lhês são mais adiantados em conhecimento. Dessa forma, pode-se aproveitar o tempo das reuniões para outras atividades de intercâmbio, como evocações, se assim for o caso, em que se busca atrair um determinado irmão cuja presença se faz necessária para este ou aquele estudo. Aí está um exemplo de uma reunião como esta que estamos presenciando neste momento. Então, para que fique clara a resposta, que não digamos que houve propriamente um desvio, pois devemos lembrar que os irmãos dos diferentes grupos estão buscando seus próprios caminhos, assim como vocês estão buscando os vossos.

Análise

Essa comunicação foi dada ao término de uma tarde de estudos em que discutíamos textos de Kardec contendo informações acerca dos reais objetivos e características da Doutrina Espírita. Destacamos aqui, dentro outros, o capítulo I de “A Gênese” (ver neste número o artigo “Podemos Aprender com os Espíritos?”) e o texto “Minha Primeira Iniciação no Espiritismo”, encontrado em “Obras

Póstumas”. As informações dadas por Silvestre, um Espírito muito próximo ao nosso grupo e um dos responsáveis diretos pela direção do agrupamento espiritual formado em torno de nosso núcleo, confirmaram as conclusões alcançadas a partir da leitura atenta dos escritos de Kardec.

Após a instrução inicial, seguiram-se algumas questões envolvendo pontos levantados durante as discussões. Dentre eles, julgamos por bem publicar uma opinião dada pelo Espírito com respeito à dinâmica das reuniões mediúnicas a fim de que os interessados no assunto possam chegar às suas próprias conclusões. De nossa parte, entendemos que os argumentos apresentados são perfeitamente lógicos, pois são fundados em uma lei absolutamente geral no que diz respeito ao relacionamento humano, seja ele entre encarnados ou não: a lei de afinidades. Trata-se da mesma instrução dada por Jesus quando disse “dize-me com quem andas e dir-lhe-ei quem és”. Sob esta óptica, os rumos de uma reunião mediúnica, ou de qualquer outra atividade em um núcleo espírita, é fundamentado em

convicções próprias de seus integrantes. Esse comportamento n a d a t e m d e extraordinário, pois as tarefas espíritas nada mais são do que atividades como quaisquer outras executadas em nossa estadia na Terra. Somos seres únicos e materializamos aquilo que permeiam nossos

próprios pensamentos. Eis a chave para grande parte dos problemas enfrentados por aquilo que denominamos de Movimento Espírita: imaginar que as convicções pessoais dos diferentes grupos espíritas devam ser trocadas por convicções coletivas, isto é, por normas gerais de conduta. Se a lei de afinidade fosse respeitada incondicionalmente, deixaríamos de ter de um lado grupos denominados fiéis à Doutrina e de outro grupos considerados anti-doutrinários. Ao invés disso, teríamos simplesmente adeptos, companheiros, irmãos, dotados de interpretações diferentes acerca de um

“Se a lei de afinidade fosse respeitada incondicionalmente, deixaríamos de ter de um lado grupos denominados fiéis à Doutrina e de outro grupos considerados anti-doutrinários”

Silvestre

mesmo assunto. Uma vez que o Espiritismo é fundamentado em leis gerais, as interpretações que mais se aproximarem dessas leis naturalmente ganharão terreno, dia após dia, inclusive com respeito aos que defendiam outras posições. No caso específico das reuniões mediúnicas, apresentamos aqui a opinião de um Espírito

que representa nossas próprias opiniões com respeito às instruções deixadas por Kardec e pelos Espíritos que o auxiliaram em sua tarefa. Se amanhã ou depois um novo modelo for apontado como mais lógico e que produza uma maior quantidade de benefícios a todos, certamente o abraçaremos como verdade, sempre

relativa, jamais absoluta, sob pena de estacionarmos indefinidamente em nossas próprias idéias. Enfim, utilizamo-nos dessa pequena instrução particular para ilustrar que acreditamos que nosso compromisso deve ser com a Verdade, independente de onde ela provenha.

Diálogos Espíritas

Crítica aos trabalhos

27 de dezembro de 2005 -IEEWFM

Obtivemos o seguinte diálogo em uma reunião regular de estudos do IEEWFM. Ainda que extenso, decidimos pela sua publicação na íntegra para que o leitor possa acompanhar o desenvolvimento das idéias, desde a dificuldade inicial do dialogador até às sugestões apresentadas pelo Espírito.

1. **Espírito** - Eu queria saber só uma coisa de vocês. Só uma coisa. Porque eu sim estudei bastante, sei uma porção de coisas e queria saber o que vocês vão fazer com esta montanha de gente que está aí. As coisas não são assim não.

2. **Encarnado** - Você acredita não ser adequada a forma com que as coisas são feitas aqui?

3. É isso mesmo. Eu acho que tem que atender, e isso é faltar com a caridade. É faltar com a caridade sim.

4. Você quer dizer que essa iniciativa de discutir antes...

5. Tem um monte, um monte de gente que chegou. Tem gente sentada, precisando de ajuda e de conversa. E eu quero saber o que vocês vão fazer com isso. Não é assim não. Eu trabalhei, trabalhei dentro de um atendimento, dentro de um acolhimento, dentro de uma resposta plausível para aqueles que eles pudessem adquirir sua liberdade, sua sabedoria, é isso que eu entendo por

atendimento. E eu não acho interessante o que vocês fazem. Vocês estão desperdiçando oportunidades, e tão fazendo algo que se colocam como certo, mas não é

certo. Pensem nisto.

6. Mas quando você fala sobre seu estudo, estudou propriamente o quê? Que tipo de obras?

7. Ora, Espiritismo.

8. Sim, mas em que nível de interesse? Perguntamos isso para compreender os argumentos que o amigo está lançando.

9. (Silêncio) Ora, eu tenho que dizer para você que: aquele que deixa de fazer o bem, já está fazendo o mal. Aquele que deixa de ajudar, está fazendo o mal. A gente entende a mediunidade, entende a Doutrina Espírita, para que possa ajudar as pessoas, e a gente sempre fez assim. Eu estive durante décadas dentro de um centro espírita, e a gente atendia diariamente em todas as reuniões aqueles que necessitavam. Dávamos passe naqueles que precisavam, e a gente argumentava com aqueles que precisavam de orientação. E há muitos que precisam de ajuda. E também aqueles que precisam de acolhimento material.

10. Nós entendemos perfeitamente, mas parece-me que, dentro desta série de ações para ajudar as pessoas você não colocaria entre elas a idéia estudo. É isso mesmo?

11. A gente precisa orientar, mas tem a queles que têm necessidade de trabalhar o sentimento. É neste sentido que eu falo. As pessoas estão precisando de Consolador, estão precisando daqueles que possam consolar e ajudar.

12. Sei de antemão sua resposta, e pergunto apenas para estabelecer uma linha de raciocínio, mas qual o maior Consolador que nós temos como referência?

13. Logicamente é o Mestre. E temos que seguir o seu exemplo, trabalhar com ele,

implantar aqui o seu Cristianismo em todas as suas facetas. Lógico que tentamos ser espíritas, estamos aqui trabalhando para que possamos crescer neste entendimento, mas nós precisamos trabalhar porque só pelo trabalho que a gente adquire nossa compreensão.

14. Concordo com o que acaba de dizer, mas o amigo já parou para pensar em uma

“Eu coloco que vocês estão fazendo um desserviço à causa espírita”

pequena frase que Jesus disse, que nós tomamos muito como exemplo: “conhecereis a verdade e a verdade vos libertará?”

15. Sim, exatamente, e nós estamos aqui para transmitir essa verdade.

16. Qual é esta verdade?

17. A verdade é esclarecimento do momento espiritual que estes espíritos estão passando, e nós não podemos deixar de dar o pão aquele que precisa, porque isto pode ser exatamente o exemplo pelo qual nós poderemos iluminar estes espíritos, pois pode ser que em toda a sua existência não tenha exemplos de caridade.

18. Tenho certeza que você não vê em nós espíritos grandiosos, no máximo pessoas de boa vontade tentando primeiramente o próprio esclarecimento...

19. Não vejo dessa forma, perdoe-me intrometer. Eu coloco que vocês estão fazendo um desserviço à causa espírita e me permitem falar isso, pois eu acho que uma pessoa está em posição de ajudar ou esclarecer, precisa colocar sem falsa modéstia. Eu acho que isso que vocês fazem é um desserviço, é um descaso contra o Espiritismo. As pessoas precisam aprender a trabalhar, precisam aprender a praticar, exemplificar, precisam ter oportunidade de trabalho, precisam ter oportunidade de acolhimento. Porque se elas não tiverem isso, elas não irão apreender o que Espiritismo tem como regra maior, que é a iluminação, que é o próprio esclarecimento, mas pelo exemplo,

pelo trabalho. Ao colocarem uma placa identificando este lugar como uma Casa Espírita, e as pessoas enxergando aqui o Espiritismo, e não sendo atendidas, eu acho que é um rumo muito perigoso para o Espiritismo que casas como estas estão tomando para o futuro do Espiritismo, porque pode ser que daqui para frente as pessoas encarem friamente o Espiritismo, não tenham nenhuma forma de contato caloroso, humano, consolador, e as pessoas precisam de consolo. Este planeta sofre por falta de consolo. Se elas tiverem o consolo, elas vão buscar o melhoramento espiritual.

20. Retomando o que eu estava dizendo, respeitamos sua opinião, mas nós não nos consideramos espíritos iluminados, como outros até que temos tido contato. Se fôssemos realmente espíritos desta ordem aplicaríamos espontaneamente a lei de amor e caridade que, aliás, não é patrimônio do Espiritismo. Primeiramente buscamos nossa própria iluminação, e a maneira pela qual enxergamos que isto seja possível é tentando entender as leis que regem o Universo. Por isso perguntei-lhe antes qual a obra que o amigo se baseava para tecer os comentários. Com respeito ainda ao Evangelho, lá essas leis estão claríssimas, mas, no entanto o mundo é ainda assim [tal qual conhecemos]. Qualquer religião fundamentada no Cristianismo deveria fazer com que as pessoas, apoiadas nessa fé, nesta religião, praticassem espontaneamente tudo isso que você falou, e, no entanto o mundo não é assim. E isso é um fato, independente de concordarmos ou não. Quanto a nós, dotados de nosso livre-arbítrio, certo ou errado somente cabe ao Criador julgar, buscamos iluminar nossa própria consciência, ao mesmo tempo em que estamos abertos às pessoas que se interessam por coisas parecidas com a nossa, nada mais do que isso.

21. Mas precisamos ser o Consolador Prometido, precisamos trazer à luz aqueles que estão sedentos. Ora, o sermão que Jesus proclamou na montanha não atraiu mais de 5000 pessoas à toa. Será que ele não estava ali para consolar e esses 5000 não estavam buscando realmente a luz? Agora se ficar de acordo o que você disse, de acordo com as

discussões de entendimento próprio, não seria comodismo diante do trabalho grandioso que tem que ser feito?

22. Em nenhum momento discordamos por completo de seu raciocínio, mas segundo o que diz bastaríamos espalhar cartazes por todos os lugares contendo os dizeres: “amai-vos uns aos outros” e...

“Agora, neste movimento isolado, a coisa parece uma Torre de Babel, ninguém chega a um consenso”

23. Não, não digo em cartazes nem em idéias,...

24. Eu dei apenas um exemplo...

25. Eu digo em exemplos. O exemplo de atender na Casa Espírita. As pessoas chegam no Espiritismo e dizem “Nossa! Como aqui é diferente de outros lugares!” Porque recebem

além do consolo, o reconforto de saber da sua situação espiritual, ali é dado toda a ajuda para se desfazer as linhas que prendem os obsessores aos sofredores, eles que às vezes trazem causas desconhecidas para nosso próprio sofrimento. É neste sentido que eu digo. E o passe? Poxa! Não é mais necessário? As pessoas não tem mais desavenças, não tem problemas durante o dia? Porque não receber o reconforto, a tranquilidade e saírem daqui prontas para as atividades da vida? Ora, que eu peço, o que eu falo, o que eu trago aqui, já até contradizendo o que eu possa estar fazendo algo de errado nesta reunião, invadindo o livre-arbítrio de vocês, mas eu tenho que dizer e alertar como eu já falei. Eu tenho que trazer o que eu acho que é Espiritismo. Eu tenho que trazer o que eu acho que deveria ser. Por que não se aderem aos Movimentos que estão aí, ajudando e unindo as casas? Porque, por exemplo, vocês não se aderem à nossa Instituição*? E vocês possam juntos

em uma casa com a outra suprir as necessidades de aprender com elas? Agora, neste movimento isolado, a coisa parece uma Torre de Babel, ninguém chega a um consenso, ninguém fala a mesma língua e o Espiritismo fica sem protagonistas.

26. O amigo encontrou nas obras de Kardec sustentação para essas idéias?

27. Mas é claro que sim. É claro que

encontro. Principalmente no Evangelho de Jesus...

28. Não, não, referi-me apenas ao pensamento de Allan Kardec.

29. Ora, mas é claro que encontrei. Dentro dos pensamentos de Allan Kardec nós retiramos as conseqüências de que precisamos.

30. Perguntei-lhe isso por que...

31. Agora, há uma necessidade. Sei até o que você vai dizer, para cada local, para cada momento há uma necessidade diferente. Nós estamos nessa necessidade, que não foi diagnosticada por vocês, que se encontram em uma casa apenas, mas existem diversas, inúmeras casas espíritas, e toda uma história em nosso Movimento Espírita de conquistas, porque se foram somando os tijolinhos com muito custo e sofrimento de muitos pioneiros, e nós não podemos relegar simplesmente todos este pensamento que foi sendo construído para deturpar, desculpe lhe dizer meu amigo, mas colocar como personalismo que vocês têm, no sentido de colocar as idéias frias. Muitos existiam há minha época, que traziam estas idéias, que tornavam a discussão fria, colocando o Espiritismo longe dos corações. Em oposição, muito foi sendo construído pelos esforços missionários, e eu posso citar todos aqui para vocês. E posso citar que começou com nosso grande Bezerra de Menezes, nosso Eurípedes Barsanulfo, o nosso Edgard Armond e tantos outros que trabalharam pela união entre as casas, todos aqueles que trabalharam para a transformação das idéias

“E posso citar que começou com nosso grande Bezerra de Menezes, nosso Eurípedes Barsanulfo, o nosso Edgard Armond e tantos outros que trabalharam pela união entre as casas”

e chegaram até o momento com todas essas conquistas que nós temos. Agora a gente não pode simplesmente relegar toda essa história do Movimento Espírita, por uma opinião isolada, e ainda mais, digo e isso me tornou

um pouquinho insatisfeito com vocês, ainda querer divulgar isso para as outras casas! Ora, não seria muita petulância, orgulho e vaidade que vocês estejam colocando aí fora?

31. Bem, agora concordamos somente em parte com que o amigo diz. Mas eu fiz a menção à Allan Kardec porque estou certo de que o amigo vai entender o quero dizer. Não tenho argumentos retóricos para

combatê-lo, ou ainda condições de entrar em embate intelectual-filosófico, beirando o sofismo até, mesmo porque enxergo, sob a sua óptica, inúmeras verdades. Na nossa óptica, outras são realmente diferentes. Vou apelar apenas à lógica e bom senso para dizer que, e espero que

receba isto de bom coração, sendo um espírito, e quando digo espírito não importa se esteja encarnado ou não, não vemos uma diferença grande a este respeito, vamos tomar sua opinião como uma opinião pessoal. Tenho certeza de

que você irá compreender que nossa opinião é diferente. Certo ou errado, só o Criador irá nos dizer com o tempo. No momento, prometo-lhe que iremos analisar com cuidado suas palavras aqui registradas. Adianto-lhe que consideramos a oportunidade grande aprendizado. Inúmeras das coisas realmente não concordamos, mas porque temos uma outra visão. Não classificaremos seu discurso como certo ou errado, mas apenas como mais um conjunto de ensinamentos trazidos por um irmão. Mas, evidentemente, lembrando Kardec, trata-se apenas de uma opinião pessoal. Não sei se firo a discricção perguntando-lhe o nome, mas sentimos que o amigo é alguém importante aos olhos do mundo, perante ao Movimento Espírita mas que, no fundo, trata-se de um irmão interessado no futuro do Espiritismo, mas que diverge em alguns pontos conosco. Como o Espiritismo bem compreendido deve necessariamente levar à fraternidade entre as pessoas, essa discordância de forma alguma deve ser um empecilho para esta, e tantas outras conversas que poderemos travar para o bem de todos, principalmente o nosso próprio.

32. O que tenho a dizer é que vir dar o recado. Há um impasse, é lógico, é óbvio que há. Vou querer realmente que vocês ouçam, que vocês analisem esta opinião, que se alertem quanto a isso o quanto antes, para que não venham por si próprios arrecadar débitos que vão levar para o túmulo. Vocês podem também estudar algumas apostilinhas que, por problemas de interpretação mediúnica não será possível passá-las detalhadamente. Mas são diretrizes para as casas adesas de nossa

“o amigo é alguém importante aos olhos do mundo, perante ao Movimento Espírita mas que, no fundo, trata-se de um irmão interessado no futuro do Espiritismo”

Instituição, para que vocês possam ler, estudar, meditar. Quanto ao meu nome, devido a esta mesma dificuldade, vou passar o nome Antônio, mas à frente quem sabe eu possa falar meu nome e vocês verem toda a obra que eu coloquei aí, que trabalhei e que

vocês também poderão estudar sobre isso. Mas alertem-se, alertem-se porque o trabalho é necessário, é imperioso, é muito importante. E não se deixem levar por falsas análises, por falsas interpretações, por um simples orgulho ou vaidade que às vezes exacerba no momento em que vocês estão discutindo e a felicidade contagia, mas é efêmera, é passageira, e não vai levar boas obras para o túmulo. Vejam bem: façam isso, eu posso retornar, se vocês quiserem, em outras oportunidades. Basta chamar pelo meu nome, eu vou estar aqui orientando, dando diretrizes. Se vocês quiserem, peçam aos nossos amigos lá da Instituição para que eles possam estar chegando até vocês, dando orientações, e aderindo também aos vossos pensamentos, mas pensem bem. É isso o que eu quero deixar. Não há mais tempo disponível, e dizem que eu preciso ir.

33. De qualquer forma, foi um prazer esta nossa conversa.

34. Muita paz a todos,

que o senhor Jesus possa permanecer em vossos corações e abençoa-los.

*** Omitimos o real nome da Instituição a que se referiu o Espírito por entendermos que nenhum objetivo útil haveria em publicá-lo.**

Análise

No início da comunicação estávamos certos de dialogar com um Espírito que poderíamos classificar com sofedor, tal era o grau de perturbação em suas palavras. Era nítida sua preocupação com a questão do atendimento a outros espíritos que, em sua opinião, estavam sendo vítimas de descaso de nossa parte. Porém, à medida

que o diálogo fluía, logo percebemos que não se tratava de Espírito ignorante com respeito às idéias espíritas, fato confirmado pelo próprio Espírito através de várias referências a uma determinada Instituição. Em diversos momentos, o Espírito se mostrou insatisfeito com os trabalhos realizados em nosso agrupamento. Entre eles, destacamos a questão do passe. Durante semanas vínhamos debatendo acerca do trabalho conhecido comumente por “Atendimento Fraternal”. Após muita meditação e discussão, tendo como pano de fundo algumas opiniões de Kardec disponíveis na Revista Espírita, chegamos à conclusão de que eram necessárias algumas modificações. Não abandonamos o passe, como o Espírito sugeriu em seu diálogo, pois isso seria um atestado de completo desconhecimento sobre a ação dos fluidos, mas certamente ele não mais é visto com a visão de antes. O mesmo pode ser dito com respeito às “entrevistas fraternas” realizadas com novos visitantes. Por se um assunto que demandaria maiores considerações, deixaremos-lo para uma outra oportunidade.

Ao longo do diálogo procuramos endereçar perguntas que nos permitissem compreender quais os pontos reais de discordância e, principalmente, a despeito de sua condição de ex-dirigente espírita, avaliar seu grau de conhecimento com respeito às obras de Kardec, com o objetivo de

aumentar nossa própria instrução, uma vez que estávamos diante de uma situação absolutamente inédita para nós.

As respostas dadas mostraram que de alguma forma o Espírito enxerga nos trabalhos uma metodologia que lhe parece equivocada. Não vemos qualquer problema nessa atitude. Seríamos os primeiros a discordar de nosso próprio discurso se adotássemos nossas idéias como únicas representantes da verdade. Atentamos ao fato, porém, que as respostas dadas mostram um conhecimento parcial por parte do Espírito dos trabalhos e métodos que ele propõe analisar. Se após uma observação mais profunda das posições que ele próprio coloca em xeque fosse-nos

“Seríamos os primeiros a discordar de nosso próprio discurso se adotássemos nossas idéias como únicas representantes da verdade”

apresentados argumentos consistentes, providos de uma lógica e que positivamente apontassem falhas de interpretação das próprias idéias que temos adotado como base, certamente seríamos os maiores interessados em corrigir os pontos falhos. Em vez disso, o Espírito se limitou a traçar instruções gerais, tendo como pano de fundo a idéia de que a caridade e fraternidade são relegadas ao segundo plano em nosso agrupamento. Ora, diante dessa afirmação, perguntamos: qual é o método mais eficaz de desenvolver tais sentimentos senão o estudo contínuo de uma Doutrina que toma por lema a frase “Fora da caridade não há salvação”? Poderíamos ser acusados de sermos alunos displicentes, que não somos capazes de aplicar na prática o que apreendemos na teoria. Nesse caso, seríamos obrigados a concordar incondicionalmente, mas jamais poderemos aceitar o argumento de que não somos caridosos e fraternos justamente porque procuramos estudar e compreender o Espiritismo. A isto acrescentamos que o argumento de que a Doutrina corre o risco de ser tornar fria é absolutamente infundado. Segundo o raciocínio

apresentado, seria o mesmo que dizer que o Sol deixará de brilhar simplesmente porque essa ou aquela pessoa não mais olhasse para ele, ou que não mais o considerassem como sendo uma estrela. Não é a Doutrina que se tornará fria, **mas sim os corações humanos que continuarão neste estado se não compreendermos que o Espiritismo é uma questão de fundo, e não de forma.** Acreditamos que o leitor poderá por si próprio chegar às suas próprias conclusões. No entanto, aos que desejarem conhecer a opinião de Allan Kardec com respeito a esse assunto, sugerimos a leitura dos discursos de Kardec contidos nas páginas da Revista Espírita, como o proferido na ocasião do encerramento do ano social de 1858-1859 e publicado no mês de julho de 1859. Há inúmeras análises que podem ser conduzidas com base nas afirmações do Espírito, desde a questão da maneira pela qual a caridade é compreendida até a organização do Espiritismo atualmente. Dada às questões de espaço e principalmente do tempo natural de maturação de idéias, deixaremos tais análises, que se encontram em curso, para

os futuros números da **Revista.** Uma última palavra com respeito a comunicação: ainda que ela se prestasse somente para fomentar novas discussões acerca desse ou daquele ponto, seu mérito seria indiscutível. No entanto, ela vai além: permite tomarmos contato com irmãos dotados de intepreções diferentes das nossas, em um esforço dos Espíritos amigos de esclarecer-nos de que, respousando sobre leis gerais, nada deve temer o Espiritismo quanto à forma pela qual as pessoas o compreendem. Essa afirmação, um tanto quanto confusa para alguns, pode ser encontrada por toda a obra de Kardec, indicando uma universalidade por parte dos Espíritos superiores. Diante desse pensamento, muitos inquitam-se, lançando perguntas de todas as matizes: não haverá aqueles cuja interpretação mais se aproxima da realidade? Como poderemos identificá-los? Ora, é evidente que existem irmãos que melhor compreendem o Espiritismo. São aqueles que adotam para si próprios o maior objetivo da Doutrina: o de produzir pessoas de bem.

Aviso aos leitores

Gostaríamos de expressar nossos sinceros agradecimentos aos diversos amigos que manifestaram interesse por nossa publicação. Omitimos aqui seus nomes por acreditar de que nada serviriam senão para uma questão de mera vaidade própria. No entanto, conhecendo de forma mais próxima a maioria de seus leitores, estamos certos de que muitas discussões poderiam ser conduzidas com grande proveito para todos. Dessa forma, aos que se interessarem pelas idéias aqui veiculadas, reiteramos

nosso convite à tomarem parte de nossas discussões. É certo que, tanto quanto possível, essas serão motivos de nossas apreciações pessoais, tal qual o temos feito até o momento. Esclarecemos que, se não nos consideramos portadores da verdade absoluta, tampouco temos qualquer pretensão e interesse de sermos vistos como um fórum de ordem geral. Como reforçamos em nosso primeiro número, temos por objetivo simplesmente o desenvolvimento de nossos próprios estudos. No entanto, acreditamos que a caminhada será muito menos árdua se contarmos com a colaboração de outros

irmãos que se interessem por idéias semelhantes. Mesmo que essas não o sejam homogêneas em absoluto, que conduzamos, dentro das possibilidades, debates sob a bandeira da fraternidade. Sob ela, teremos certeza de que todas idéias trocadas resultarão em crescimento geral, pois por detrás das mesmas saberemos que se encontram não mais opositores acirrados, mas sim nada mais do que outros irmãos de jornada, em busca do próprio esclarecimento tanto quanto nós mesmos.

Forte abraço a todos,

Dermeval C. Junior

Revista de Estudos Espíritas

Publicação Mensal do Instituto de Estudos Espíritas “Wilson Ferreira de Mello”.

Editor: Dermeval Carinhana Junior

A distribuição da **Revista** é gratuita. Seu conteúdo pode ser reproduzido, seja de forma parcial ou integral, sem qualquer necessidade de autorização prévia, bastando que, quando possível, citá-la como fonte de referência.

Endereço para correspondência: Rua Pedro Gianfrancisco, 306, Parque Via Norte, Campinas-SP. CEP 13065-195.

Email: derms@uol.com.br